

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO: NO CONTEXTO, O ALUNO SURDO

INTERPRETATION OF TEXTS: THE DEAF STUDENT IN CONTEXT

Luís Sérgio Damasceno de SOUZA¹

RESUMO

Este estudo apresenta o relato oral e análise reflexiva de uma professora sobre as dificuldades do aluno surdo em uma sala de aula inclusiva, em relação à interpretação de textos na língua portuguesa. Procura-se, a partir de uma transformação de atitudes, formar novas concepções sobre aprender e ensinar e a definição do papel do profissional especializado no contexto da inclusão - concepções estas que fazem com que o professor esteja constantemente num processo de reflexão sobre sua prática pedagógica no cotidiano educacional.

Palavras-chave: Educação do Surdo; Inclusão; Conhecimento do Professor.

ABSTRACT

This study presents a teacher's report and a reflexive analysis of the difficulties of her deaf student in an inclusive classroom, related to the interpretation of texts in Portuguese. By changing attitudes, we seek to form new conceptions about teaching and learning, as well as to define the role of the special education professional in an inclusion situation - conceptions which tend to maintain the teacher in a constant process of reflection about his pedagogical activity in daily educational environment.

Key words: Deaf Education; Inclusion; Teacher Knowledge.

A proposta para analisar as “dificuldades do aluno surdo” em relação a interpretação de textos na língua portuguesa, que iremos agora apresentar, teve sua origem em uma escola de ensino fundamental da rede municipal de

Campinas (SP), localizado num bairro distante do centro.

Em março de 2000, incorporei-me a esta escola como estagiário do 4º ano do Curso de Pedagogia: Formação de Professor de Educação

⁽¹⁾ Aluno do Curso de Pedagogia: Formação de Professores de Educação Especial: Deficiência Mental e Deficiência da Áudio-Comunicação da PUC-Campinas.

Especial: Deficiência Mental e Deficiência Áudio-Comunicação da PUC-Campinas, para desenvolver minha proposta de atuação numa classe de 3ª série, formada por 36 alunos, com idade entre 9 e 14 anos, tendo um aluno surdo incluído.

Sabemos que o maior desafio da inclusão do aluno surdo na escola regular é a barreira da comunicação em língua portuguesa, tanto na modalidade oral ou escrita. Rinaldi (1997) afirma que é neste contexto que o professor se depara com a problemática no processo de alfabetização do educando em questão.

Acreditamos que antes de analisar a dificuldade do aluno surdo em interpretar textos do aluno surdo, é preciso ter presente que a alfabetização deste aluno ainda hoje, não está resolvida. Qual será o problema da alfabetização do educando surdo?

Segundo Góes (1999:1)

“estudos sugerem que pessoas surdas, mesmo depois de terem passado por longo período de escolarização, apresentam dificuldades no uso da língua escrita. Na verdade, as limitações nessa esfera não são exclusivas das experiências escolares de surdos, nem inerentes à condição de surdez: um dos principais problemas está nas mediações sociais dessa aprendizagem, mais especificamente, nas práticas pedagógicas que fracassam também na alfabetização de ouvintes”.

CASELLI (1994) mostra que em diferentes países, com realidades culturais diversas, os problemas encontrados são bastante semelhantes. Diante das dificuldades, alguns profissionais têm sugerido uma mudança de eixo, para que o educador considere a condição bilíngüe do aluno surdo, no processo de ensino de língua escrita. Usando uma eficiente pedagogia e/ou metodologias utilizadas na alfabetização da pessoa surda, poderemos concluir que a

abordagem mais indicada para a produção da escrita e/ou interpretação de texto é o uso e o domínio da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Segundo Marchiori, Souza, Arruda, Silva, Teixeira, Silva e Capellini (1998:150), deve se considerar a língua de sinais

“não como ação comunicativa apenas, mas sim como resgate do deficiente auditivo como bilíngüe, que possui uma língua natural e participante de comunidades ouvintes e surdas. Entretanto, essa reflexão é além de metodológica, ideológica, pois reflete a forma de construção de conhecimentos e sua relação com a linguagem, cognição e aprendizagem do deficiente auditivo”.

A seguir, apresento a situação que tive oportunidade de acompanhar como estagiário, no contexto de sala de aula numa 3ª série. Trata-se do trabalho de ensino de português da Professora Darlene, no qual se destaca a problemática enfrentada com o aluno surdo (aqui nomeado de Fábio) na interpretação de textos.

Ler é interpretar

Refletindo sobre o quanto era rico o processo de revisão da prática desta professora que enfrentava o desafio da inclusão, convidamos a professora Darlene a relatar para os outros integrantes do último ano do nosso curso de Educação Especial a sua vivência como professora do Fábio².

Aqui, ela expõe de modo claro e objetivo, a transformação ocorrida em sua prática pedagógica, frente à interpretação de texto do aluno surdo, a um grupo de estudantes do 4º ano de Educação Especial da PUC-Campinas. Vamos ver, então, como se caracterizou na sala de aula o envolvimento da professora Darlene com o Fábio.

Há doze anos, eu dou aula e nunca tinha pego aluno surdo, o ano passado, numa escola

⁽²⁾ O depoimento, que consta aqui na íntegra, foi gravado em fita cassete, transcrito, editado por mim, sendo revisto pela Professora Darlene.

a rede, onde lecionei por cinco anos, havia um aluno deficiente auditivo, que a professora acompanhava desde a 1ª série para a 2ª série, porque lá, há uma continuidade da 1ª para a 2ª, mas da 3ª para a 4ª quebra, não tem essa de professor continuar.

Então, na época de sondagem de sala, quem é que ia continuar o trabalho? Fui uma das primeiras que coloquei que não queria esse menino na minha classe. Não queria, porque achava que o trabalho era muito difícil para um professor que não tinha preparo nenhum; eu não tinha condições.

Das 3ª séries, só uma professora se candidatou, mas ele não gostou da professora. Chorou e teve que ir para outra sala; escolheu uma outra.

Todas as 2ª séries estavam fechadas, só a minha classe estava incompleta, e aí, por obra do destino, o que aconteceu? Veio o menino para a minha sala - o Fábio. Mas naquela confusão, eu não tinha nem percebido ele na fila.

Quando entro na sala, que a mãe veio falar que ele era deficiente auditivo, acho que fiquei branca, roxa, amarela... Por quê? Não é possível! Eu falava, "acho que esse menino não é da minha sala". Olhava! Não, acho que fizeram alguma coisa errada... Porque eu não estava acreditando que tinham colocado ele na minha sala. Não queria aquele aluno e no fim acabou acontecendo.

A mãe dele falou: "- Coloca ele na primeira carteira".

Tudo bem, coloquei ele grudado comigo ali, mas e daí, como entendê-lo?

Justamente neste ano, entraram mais crianças com problemas.

O que fazer?

O Fábio ficava na dele, tentava falar alguma coisa, ele fazia aquele gesto e eu não entendia nada.

Só que a socialização com os outros alunos foi algo tremendo; ele conversava com todos, e eu me perguntava: "qual é o problema?"

Nos primeiros dias, dei um ditado. Falei: "Nossa! E agora?" Olhei para o surdo e disse: "Agora, o que fazer? Vou falar bem pausadamente e ele vai fazer." Só que o Fábio ficou tão apavorado com o que eu falava, que começou a fazer aquele alfabeto com as mãos, e eu olhava assim. Aí, ele pegava na minha mão e começava a ensinar. Então, nos primeiros dias de ditado, ele praticamente foi soletrando letra por letra, porque ele pegava na minha mão e fazia gestos. Ele tirou dez, a classe aplaudiu.

Mas eu me perguntei: "Esse ditado não valeu? Valeu para ele não se sentir tão diferente. Vou dar outro ditado sem falar nada (sem fazer o alfabeto manual), quero ver o que sai".

Realmente não saiu nada!

Minha preocupação era com o conteúdo da 3ª série, que é muito extenso. Fiquei pensando como trabalhar com esse menino tal conteúdo. Em gramática entra tudo: os gêneros dos substantivos, adjetivos, singular, plural, pronomes, verbos. É bem puxado.

A itinerante chegou para mim e perguntou como estava indo o Fábio. Eu disse: "É, está lá, tá indo, não sei como ..."

Quando eu dava o texto ele não respondia, não fazia a interpretação. E ele esperava eu chamar alguém para responder, colocava a resposta na lousa, ele copiava a resposta.

Uma manhã, a itinerante chega para mim dizendo que tinha um rapaz querendo fazer estágio. "Meu Deus do Céu que estágio é esse? Não, não quero. Eu não sei nada, não tenho experiência de nada, vai fazer estágio comigo, irá aprender o quê? Que exemplo vou dar? Não tenho exemplo nenhum para ele".

"- Não! Mas com este estagiário é diferente, porque ele já tem uma experiência com surdos, talvez te ajude".

"Ah! Espera aí, a história está mudando, então você explica bem para ele me ajudar... se ele me ensinar, eu aceito". Falei para ela deixar bem claro, não tenho experiência nenhuma, não sei trabalhar com esse menino. Esse menino

está aí, e não sei o que fazer. O estagiário entrou numa época que eu estava dando poemas, que é difícil, abstrato.

As perguntas que eu dava geralmente eram muito abertas, tinha que pôr sentido.

Percebendo a dificuldade de interpretação do aluno, o estagiário se propôs a trabalhar a interpretação deste poema com quadrinhos, só que ele criava a linguagem de sinais. Eu via aquilo e ficava observando. Saía a interpretação do texto, a redação, mas e aí: se consegue com ele, porque não vai conseguir comigo? Se consegue alguma interpretação com ele, vai ter que conseguir comigo, porque senão o problema sou eu, não o menino.

Na leitura do poema, eu nunca chamava o Fábio para ler. Ele não fala! Chamar ele para ler? Então o estagiário deu uma idéia - porque não chamar ele para ler na frente com a linguagem de sinais?

Falei, "Nossa! Será que ele vai ler mesmo?" Eu chamava todo mundo e pulava ele. Durante a semana fiz uma experiência convidando-o para ler, mas não aceitou, disse que não queria. Mas com o estagiário na classe, o Fábio foi ler. Neste dia parece que só existia ele, foi um "show" na sala, prendeu a atenção dos outros alunos, e todos o aplaudiram no final. Com o estagiário na sala, tudo parece estar bem, maravilhoso!

Mas durante a semana, eu não conseguia.

Aí chegou a época das provas; escolhi o texto da Cecília Meireles - um poema muito abstrato.

Quando fui corrigir a prova dele disse: "Socorro, meu Deus do Céu, esse menino não lê nada, não sabe nada, e agora fechando o bimestre, ele vai ficar, ele vai ficar ruim, sem nota e mais perdido que outra coisa. Porque esse menino comigo? Não escreve nada. O que fazer?"

Mostrei a prova para o estagiário e ele falou assim: "... vamos fazer uma reavaliação da prova. Porque você não refaz a prova?"

Refazer! Já tinha que entregar as notas, a secretaria cobrando, reunião de pais já marcada. Refazer!

O estagiário disse: "Vamos marcar uma reunião com a itinerante".

Mas eu não tinha contato com ela, era assim, pelos corredores. A gente não tinha esse momento para conversar. Nem com ela, nem mesmo com a orientadora da escola, sempre foi assim. Não existia nenhum tipo de contato, mas quando o estagiário apareceu na escola ele começou a resgatar. Pela primeira vez, ele conseguiu marcar uma reunião - itinerante, professora da sala e estagiário - e nesta reunião começamos a discutir a prova.

Interpretação de texto: o contexto do aluno surdo.

Na reunião, a itinerante sugeriu, então, trabalhar o texto por pedaços, pois aquele texto era muito grande para um deficiente - um "textão".

Na visão dela (itinerante), era impossível trabalhar aquele texto no mesmo dia. Eu teria de fragmentar, por exemplo: um dia, ele pega uma estrofe e trabalha tudo o que puder nela; no outro dia, continua, até interpretar todo o texto.

Eu disse: "Vamos acabar esta prova quando?" Porque não tinha só esta, tinha de Ciências e etc.

Neste momento do depoimento, a Prof^a Darlene mostrou a poesia da Cecília Meireles que fora utilizada na prova.

O Menino Azul³

O menino quer um burrinho para passear.

Um burrinho manso, que não corra nem pule mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho que saiba dizer o nome dos rios, das montanhas, das flores, - de tudo o que aparecer.

³ Poema do livro *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles.

O menino quer um burrinho que saiba inventar histórias bonitas com pessoas e bichos e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo que é como um jardim apenas mais largo e talvez mais comprido e que não tenha fim.

(Quem souber de um burrinho desses pode escrever para a Rua das casas, número das portas, ao Menino Azul que não sabe ler).

Eaí, eu topei fazer pedaço por pedaço. Ela falou: "Não coloque o título. Reforça só a primeira estrofe, e explore tudo o que você puder."

Mas só que isto é trabalho individual - e no meio de 36 alunos, tive que pegar ele, e pôr sentado do meu lado, e ficar ali com ele; sabendo que tinha atividade com os outros alunos da sala, tinha que ficar ali, estar ali individualmente. Numa aula particular mesmo.

Na primeira estrofe, coloquei **personagem** para ele identificar quem era esse personagem que está na estrofe. Ele conseguiu escrever: o Menino e o burrinho.

Na questão 2, pedi para ele colocar as palavras que conhecia, que sabia. Ele colocou: passear, saiba, corra, burrinho e menino.

E as palavras que você não conhece? Resposta: Manso e Nem.

As palavras que ele não conhecia, pegava o dicionário para explicar, mas esse 'nem', é palavra abstrata, ficou a ver navios mesmo...

Então, pedi que ele colocasse o nome do texto: ele colocou "o menino e o burrinho".

Por último pedi para ele fazer um desenho sobre o texto. "O que você entendeu desse pedacinho?" Ele desenhou, e desenhou muito bem, o menino e o burrinho.

A título de ilustração, vejamos a escrita do surdo após um trabalho individualizado e com o texto fragmentado.

Eu falei: "Não acredito que esse menino entendeu alguma coisa. Ele não entendia nada na primeira prova. Ele está aprendendo alguma coisa."

Sobricio

3/05

O menino quer um burrinho
para passear.
Um burrinho manso,
que não corra nem pule,
mas que saiba conversar.

Personagens: menino, burrinho

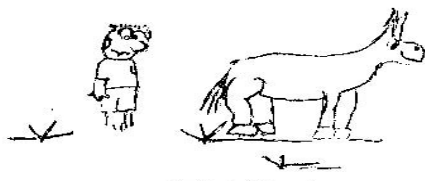
Palavras que conhece: passear, saiba, corra, burrinho, menino, pula

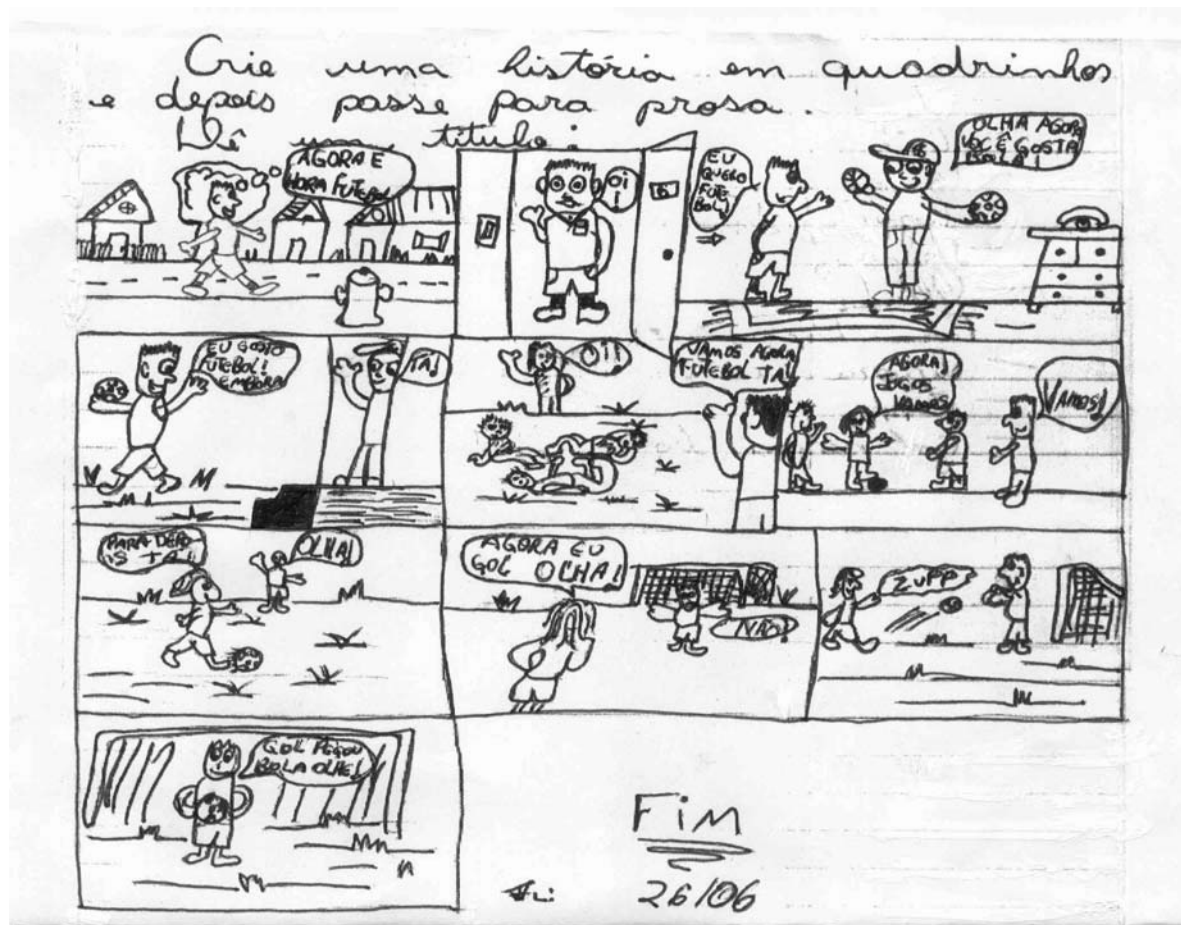
Palavras que não conhece: manso, nem,

Número de versos: 5

Nome do texto: O menino e burrinho

Faça um desenho sobre o texto.





Cigora Futebol.

Cigora é sorad Futebol.

Oi!

Olha agora você gosta bola!

Eu gosto futebol! Eu embora

ta!

Oi!

Vamos agora futebol ta!

agora! Jogar vamos.

Vamos!

Olha!

Para Depois ta!

agora eu gol olha!

Zuppi

gol pegar bola olhe!

Falei para o estagiário, “Nossa! Esse menino lê, interpreta.”

Foi aí então que percebi que não adianta só cobrar, tenho sempre que rever a minha prática pedagógica.

Continuei trabalhando estrofe por estrofe, pedindo sempre que ele elencasse as palavras desconhecidas.

Ele colocou “barco” e “barquinho”.

Fiquei surpresa ao ver que ele não sabia a diferença entre barco e barquinho.

Para fazê-lo entender perguntei: “O que anda na água?”

Ele falou: “navio”.

Logo em seguida, ele escreveu a palavra barquinho - como palavra conhecida.

Tinha também a palavra bicho, perguntei: o que é bicho?

Ele desenhou um monstrinho - ou seja, bicho para ele é um fantasma.

Senti que deveria trabalhar com ele o significado da palavra bicho, pedindo que me desenhasse um animal e desenhou um cachorro.

Concluída a parte de vocabulário retomei a interpretação do texto “O menino azul” para ver se ele tinha entendido mesmo.

E perguntei, “Quem é o personagem principal?”

Ele respondeu: “o menino e o burrinho”.

Foi assim que descobri o universo dele, e que o modo de trabalhar com ele seria assim. Isto não foi da noite para o dia, levei seis meses para conseguir alguma coisa, para que eu abrisse os olhos e ele começasse a escrever.

Na história em quadrinhos, percebi que o vocabulário é limitado, mas apresentava um começo, meio e fim. Vejam algumas produções dele.

Então ficamos pesquisando como trabalhar/ampliar este vocabulário.

Será que há jeito de ampliar esse vocabulário, ou a vida inteira vai ser isto aí? Então foi isto o que ficou.

Em suma, conversando sobre a produção de Fábio, chegamos à conclusão de que era preciso ler, interpretar e ilustrar o texto com o aluno, de forma individual, sem perder de vista o coletivo de uma sala de aula em um contexto de inclusão. Assim, houve uma reestruturação no processo de interpretação de texto para o Fábio, de modo a, pelo menos, minimizar essa problemática.

Além disso, entendemos que Rinaldi (em texto do governo) traz uma contribuição bastante relevante quando diz que “as atividades devem ser pautadas em primeiro lugar pela necessidade de entendimento da importância da escrita. Para despertar nos educandos surdos indagações como: O que se lê? Para que serve a leitura?” (BRASIL, 1997:201).

Como avaliação final, entendo que um dos fatores mais importantes no trabalho com o Fábio na sala de aula foi a transformação de atitudes, a constituição de outras concepções sobre aprender e ensinar, e de nova definição do papel do profissional da educação e ao trabalho com o professor especializado. Nos termos de Mazzotta (1992:12), “o que parece ser necessário é uma unidade de propósitos que possibilite o esclarecimento do tipo de profissional pretendido e a compreensão de seu papel no contexto educacional”.

Finalizando nossas reflexões, acreditamos que devemos nos aprofundar nos estudos do ensino de segunda língua para melhor atender às necessidades da pessoa surda e compreender os processos de produção de seus conhecimentos em língua portuguesa.

Bibliografia

- BRITO, Lucinda Ferreira. *Aquisição de português por surdos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Especial. *A educação dos surdos*. Giuseppe Rinaldi et al (Org.). v. II. Brasília/DF: MEC/SEESP: 1997.

CASELLI, M.C. et al. *Linguaggio e sordità: parole e segni per L'educazione dei sordi*. Firenze: La Nuova Editrice, 1994.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. *Linguagem, surdez e educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

MARCHIORI, E.; Souza, V.; ARRUDA, P.; SILVA, R. TEIXEIRA, D.; SILVA, F. e CAPELLINI, S. A Comunicação total e as dificuldades na

construção da escrita do deficiente auditivo. In: *Anais do Seminário: Surdez, cidadania e educação: refletindo sobre os processos de exclusão e inclusão*. Rio de Janeiro: INES, 19-22 outubro, 1998, p. 146-151.

MAZZOTTA, Marcos. Tendências da formação de professores excepcionais e sua correlação com as características da educação especial. In: *Revista Brasileira de Educação Especial*. Piracicaba, v. 1, n. 1, 1992, p. 7-13.